

PROJETO DE PESQUISA

AUTOR: Anderson Bastos Martins
Universidade Federal de Juiz de Fora

Juiz de Fora, 2018-2020

I- IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO

A) Título: Fronteiras seculares: pós-colonialidade, globalização e cosmopolitismo na ficção contemporânea

B) Resumo

Este projeto investiga novas possibilidades teóricas e críticas dos estudos literários anglófonos pós-coloniais a partir de um estudo comparativo entre suas premissas e as pesquisas recentes sobre os conceitos de globalização e cosmopolitismo e sobre as práticas literárias e culturais derivadas dos mesmos. Com base em narrativas de autoria de quatro ficcionistas contemporâneos, a saber, Nadine Gordimer (1923- 2014) , Salman Rushdie (1947), Mohsin Hamid (1971) e Chimamanda Ngozi Adichie (1977), o enfoque é comparar e contrastar a ficção pós-colonial em seu momento nacional (Nadine Gordimer e Salman Rushdie) com a ficção pós-colonial em tempos de globalização (Nadine Gordimer, Salman Rushdie, Mohsin Hamid e Chimamanda Ngozi Adichie), com o objetivo de atualizar a teoria e crítica pós-coloniais anglófonas diante dos desafios da contemporaneidade global e cosmopolita.

C) Palavras-chave: literatura anglófona contemporânea; pós-colonialidade; globalização; cosmopolitismo

II- ÁREAS DO CONHECIMENTO PREDOMINANTES

- Letras
- Literaturas Estrangeiras Modernas
- Literatura Comparada

III- JUSTIFICATIVA

Este projeto deriva de uma pesquisa que realizei durante os seis anos em que atuei como docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei. O mote da pesquisa foram algumas relações entre os estudos literários contemporâneos e os estudos da globalização, e o projeto, que se desenvolveu em duas fases, teve por título “Literatura e Império: do pós-colonial à literatura global”.

Desse projeto, resultaram 04 orientações de mestrado já concluídas, 06 orientações concluídas de Iniciação Científica, duas delas tendo sido parte de financiamento obtido junto à FAPEMIG para um projeto específico resultante do projeto principal, além da participação com apresentação de trabalho em 17 eventos científicos no Brasil e no exterior, a publicação de 07 capítulos de livro e de 02 artigos em periódicos qualificados. Durante esse período, eu ministrei em três ocasiões a disciplina de 60 h/a intitulada “Literatura e Globalização” e que foi

pensada a partir da proposta do projeto original, além de naturalmente ter ajudado a gestar boa parte da produção elencada acima.

A experiência e os dados obtidos nos seis anos da pesquisa auxiliaram-me a compreender melhor o campo das inter-relações entre os estudos literários contemporâneos e os estudos universitários em torno da globalização. A principal dificuldade encontrada não foi necessariamente o caráter transdisciplinar da pesquisa, para o qual vimos sendo preparados nos últimos anos, mas uma percepção por parte significativa da comunidade acadêmica e intelectual vinculada às Humanidades que trata a práxis resultante dos processos de globalização como práticas disseminadas de exploração do trabalho humano e de espoliação do capital simbólico local por meio de um suposto processo de hegemonização das culturas locais e periféricas sob a égide da cultura de massa produzida em espaços restritos porém financeiramente dominantes em escala global.

Essa percepção se deixa carrear também para o interior dos trabalhos artísticos e teórico-críticos que se debruçam sobre o tema, de forma que se percebe um viés prevalentemente antagônico à globalização na arte e no ensaísmo crítico contemporâneo que nos parece subtrair a estes últimos sua potencialidade interventiva e transformadora da sociedade, especialmente de uma sociedade que se constrói cada vez mais em escala global. Na última ocasião em que ministrei a disciplina “Literatura e Globalização”, solicitei aos alunos a busca de objetos estéticos e teórico-críticos que vislumbrassem saídas mais otimistas e talvez mesmo utópicas para o caos que fantasmagoricamente parece predominar no horizonte da produção artística que aborda a globalização contemporânea. A partir dessa proposta feita aos alunos, eu próprio passei a buscar, num único gesto, pesquisar a globalização dentro de um escopo mais específico e restrito e que, ao mesmo tempo, potencialize a arte literária como potência influente na sociedade em que esta circula. Neste projeto, portanto, apresento as reflexões iniciais e propostas de pesquisa que resultaram do incômodo e das conclusões brevemente esboçadas acima. Como se verá, não se trata de pensar a arte contemporânea pelo viés do engajamento político ou de uma filosofia normativa, mas, em última instância, abordar a arte como resistência figurativa, espaço reservado à experimentação de realidades alternativas, de investigação de paradoxos em seus limites máximos, de questionamento e interpelação de regras e leis que cerceiam o estar no mundo.

Minha segunda preocupação situa-se justamente no espaço ocupado hoje pela teoria pós-colonial nos estudos literários de língua inglesa. Entre as décadas de 1960 e 1990, as universidades inglesas e norte-americanas tornaram-se ponto de encontro para pesquisadores de literatura vindos dos mais diversos países recentemente emancipados da colonização britânica. O mesmo processo foi visto nas instituições francesas de pesquisa, ainda que seu impacto internacional tenha sido mais limitado. A bibliografia sobre o pós-colonialismo conheceu seu melhor momento nesse período. Nomes como Edward Said (*Orientalismo; Cultura e imperialismo*), Gayatri Chakravorty Spivak (*Pode o subalterno falar?*), Leela Ghandi (*Postcolonial theory*), Homi Bhabha (*O local da cultura*), Bill Ashcroft (*The empire writes back*) e Robert J. C. Young (*Colonial desire*), entre muitos outros, criaram o campo dos estudos pós-coloniais anglófonos com estas e outras obras inovadoras. Ficcionistas essenciais para a crítica pós-colonial escreveram naqueles anos algumas de suas principais obras, como foi o caso de Salman Rushdie (*Os filhos da meia-noite; Os versos satânicos*), Nadine Gordimer (*A filha de Burgher; O pessoal de July; Uma mulher sem igual*), Wole Soyinka (*Death and the King's Horseman; As bacantes*), Chinua Achebe (*O mundo se*

despedaça; Um homem do povo), V. S. Naipaul (*Uma casa para o Sr. Biswas; Uma curva no rio*), Anita Desai (*In custody*), J. M. Coetzee (*Foe; Desonra*).

Esta lista assustadoramente incompleta é, no entanto, suficiente para que se lance a seguinte questão: deve-se continuar falando de pós-colonialismo no século 21, cujo início inesquecível se deu em 11 de setembro de 2001? Seria a nova geração de autores variadamente provenientes dos antigos espaços coloniais estritamente escritores pós-coloniais? Refiro-me a nomes como Chimamanda Ngozi Adichie, Kiran Desai, Mohsin Hamid, Damon Galgut, Hari Kunzru, Hanif Kureishi, Jhumpa Lahiri, Helon Habila, entre outros.

Para responder essas questões, é necessário antes considerar as duas primeiras indagações lançadas no parágrafo anterior, as quais direcionam a leitura para o trabalho da periodização, quase sempre questionável, e para a deslizante noção de geração literária. Além disso, onde existe o interesse em estabelecer uma periodização do pós-colonial a fim de se definirem possíveis gerações relacionadas a esses períodos é importante atentar preliminarmente para a dificuldade encontrada em se estabelecer o campo ou o escopo do próprio pós-colonial.

Assim como ocorre na relação entre os termos pós-modernidade e pós-modernismo, a imbricação de pós-colonialidade e pós-colonialismo é constante. Em relação ao primeiro par, Fredric Jameson (1991)¹ associa a pós-modernidade às condições socioeconômicas e tecnológicas que marcam o que ele e outros pensadores denominam o capitalismo tardio. Jameson aqui se aproxima bastante de Jean-François Lyotard (1967) e sua conhecida tese da “condição pós-moderna”. Linda Hutcheon (1989) segue o pensamento de Jameson neste quesito historicista da pós-modernidade, mas ambos divergem terminologicamente quando buscam definir o pós-modernismo, o qual, para Jameson, constitui um estilo artístico e técnico, enquanto Linda Hutcheon relaciona-o à autorreflexão nas artes e na cultura.

Seguindo o modelo destes dois teóricos, é possível pensar a pós-colonialidade como a condição imposta ao espaço colonizado pelo processo histórico imperialista que imbricou a história da Europa e a de suas colônias de forma permanente. Já o pós-colonialismo abrange a autorreflexão cultural, artística e filosófica empreendida nos espaços colonizados na busca por compreender e, conforme o caso, atenuar ou estimular os efeitos da colonização.

Na conhecida definição do pós-colonial – emprega-se este termo muitas vezes para evitar a disjunção analisada nos parágrafos anteriores – oferecida por Ashcroft, Griffiths e Tiffin (1989, p. 2), a expressão incluiria “toda a cultura afetada pelo processo imperial desde o momento da colonização até os dias atuais” (tradução do autor). A tomada de posição aqui é bastante clara, uma vez que um dos principais debates entre os intelectuais da área consiste em estabelecer o início do período pós-colonial. Neste projeto de pesquisa, faço a opção pela perspectiva mais restrita que distingue o discurso colonial e o pós-colonial e associa este último à fase de transição entre a colonização e a descolonização e aos períodos subsequentes. Desta forma, restrinjo o pós-colonial ao pós-independência. Com isto, torna-se mais fácil delimitar a abrangência do trabalho aqui proposto.

Um efeito significativo das lutas pela independência e do lastimável estado de coisas encontrado no espaço pós-colonial foi a emigração de parte dos intelectuais e ativistas

¹ Optei por informar no texto do projeto a data de publicação original de cada título citado. Nas referências bibliográficas, pode haver alguma discrepância em virtude de ali estar citada a edição consultada.

políticos da África e do Sudeste Asiático para a Europa e, mais tarde, para os Estados Unidos. Além dessa leva de nomes conhecidos e influentes, um enorme contingente de cidadãos comuns também emigrou dos países então recentemente emancipados para as antigas metrópoles. No caso da Inglaterra, os caribenhos, indianos e paquistaneses compuseram o grupo maior entre os novos habitantes do país. Os africanos seguiram preferencialmente para o sul europeu, no caso das ex-colônias francesas, e para os Estados Unidos e Inglaterra no caso das ex-colônias britânicas. Na América do Norte, aliás, como era de se esperar, aportaram pessoas de todos as regiões. Esta informação é importante porque foi nestas comunidades de expatriados que nasceram muitos dos escritores que eu proponho chamar neste projeto de pesquisa de segunda geração pós-colonial. E nesse ponto é crucial responder à seguinte pergunta: “O que justifica essa separação?”, uma vez que apenas a cronologia não basta para se traçar uma linha geracional.

Em termos gerais, os primeiros autores do pós-colonialismo anglófono estiveram envolvidos com o processo de constituição simbólica da nação. A menção a alguns romances é suficiente para corroborar essa afirmação: *O mundo se despedaça* (1958), de Chinua Achebe, *Uma casa para o Sr. Biswas* (1961), de V. S. Naipaul, *A filha de Burgher* (1979) *Ninguém para me acompanhar* (1993), de Nadine Gordimer, *Os filhos da meia-noite* (1981), de Salman Rushdie. Destaque-se, no entanto, que estes e outros autores do período trabalharam nessa fase de narrativa da nação, embora suas obras não possam ser tachadas de nacionalistas. Na realidade, é forte nas obras citadas a crítica ao tipo de relação social que se estabeleceu, a partir da descolonização, entre as elites nacionais e a maioria da população.

Enquanto essas obras eram escritas e lidas, o mundo mudava rapidamente, e o avanço da globalização econômica alterava drasticamente a visão dos escritores pós-coloniais nascidos nas décadas seguintes e cujas obras estavam sendo escritas à sombra daqueles citados acima e de outros autores, todos integrantes do cânone contemporâneo. Sejam eles filhos e filhas dos emigrados das antigas colônias, sejam jovens nascidos nas novas nações descolonizadas, os membros da segunda geração, muitos dos quais vivem como autênticos cidadãos cosmopolitas entre diversas esferas culturais e linguísticas, não se interessam mais em assumir para si o fardo da construção ou da crítica ideológica da nação. Em primeiro lugar, muitos deles são ingleses e norte-americanos de nascimento. Mas o mais importante é que, ao menos para as artes, a nação é um sistema que informa cada vez menos as obras produzidas no espaço global que a contemporaneidade vai se incumbindo de estabelecer.

Até aqui, portanto, delinheio o campo de interesse desta pesquisa na confluência entre o conjunto teórico-crítico estabelecido em torno das literaturas pós-coloniais e os estudos contemporâneos a respeito da globalização como processo transnacional, estudos esses advindos principalmente da geografia e das ciências sociais. A partir daqui, passo a delimitar o corpus literário da pesquisa para, em seguida, no item reservado à metodologia da pesquisa, retomar os instrumentais teóricos e apresentar os estudos do “cosmopolitismo” como campo de força do projeto.

Para se pensar a transição de uma literatura pós-colonial de cunho nacional para uma literatura global transnacional, optei por acompanhar as trajetórias de dois autores em plena atividade nos primórdios da criação das teorias pós-coloniais (período de 1960 a 1990 aproximadamente), mas cuja atuação perdurou até os dias atuais, e dois autores da geração posterior, cuja produção literária tem início juntamente com a chegada do século XXI e seus intrincados desafios políticos e culturais.

Nadine Gordimer (1923-2014) foi uma ficcionista e ensaísta sul-africana que se tornou internacionalmente reconhecida ao receber o Prêmio Nobel de Literatura em 1991. Sua produção literária teve início no final da década de 1940 e se manteve ininterrupta até sua morte. Situada em todo o período da criação de um regime de base racialista e segregacionista em seu país, a obra de Gordimer faz coincidir o presente histórico com o presente narrativo numa constante interpelação dos destinos políticos da África do Sul. Obtive em meu período de formação como pesquisador extenso contato com a obra de Nadine Gordimer, sobre a qual escrevi minha dissertação de Mestrado (2002) e minha tese de Doutorado (2010). Nesta pesquisa, interessei-me particularmente pelas obras publicadas a partir da redemocratização do país, a saber, *Ninguém para me acompanhar* (1994), *A arma da casa* (1998), *O engate* (2001), *Loot and other stories* (2003, sem tradução no Brasil), *De volta à vida* (2005), *Beethoven era 1/16 negro* (2007) e *O melhor tempo é o presente* (2012).

O célebre autor Salman Rushdie (1947) tornou-se uma das figuras públicas mais comentadas da segunda metade do século passado, não por receber uma premiação cobiçada, mas por uma condenação à morte devido à publicação de seu romance *Os versos satânicos* em 1988. A partir daí, toda a sua produção literária passou a ser conduzida por um questionamento, direto ou alusivo, ao papel da arte no mundo contemporâneo. De origem anglo-indiana, Rushdie escreve a partir da própria clivagem transnacional dos intelectuais pós-coloniais mencionados anteriormente e perpassa os momentos nacionais e transnacionais da literatura periférica contemporânea. Meu interesse se concentrará sobre seus dois romances principais, a saber, *Os filhos da meia-noite* (1981) e *Os versos satânicos* (1988) e sobre como as questões ali apresentadas em torno da arte nacional e pós-colonial vão se transformando em literatura global em sua vasta produção subsequente: *O último suspiro do mouro* (1995), *O chão que ela pisa* (1999), *Fúria* (2001), *Shalimar, o equilibrista* (2005), *A feiticeira de Florença* (2008), *Dois anos, oito meses e 28 dias* (2015).

Chimamanda Ngozi Adichie (1977) é repetidamente apontada como uma das vozes ficcionais mais promissoras a surgir na Nigéria neste início de século. Seu romance inaugural, *Hibisco roxo* (2003), aborda o efeito do fanatismo religioso sobre uma família abastada, mas o pano de fundo que amplia esse drama familiar é a desconfortável relação entre o legado imperial e as velhas tradições locais, situação que se detecta na maioria dos países recentemente descolonizados. Em *Meio sol amarelo* (2006), Adichie retoma o grande trauma pós-colonial que a Guerra de Biafra representa para a memória recente da Nigéria. Além de servir de contraponto ao intelectual do Império que, no final de *O mundo se despedaça*, de Chinua Achebe, planeja escrever a história da Nigéria, *Meio sol amarelo* se inscreve nas fronteiras étnicas exacerbadas pela presença do Império europeu em solo africano. Já em seu terceiro livro, a coletânea de contos *Em seu pescoço* (2009), a autora povoa suas histórias com nigerianos que, de alguma forma, relacionam-se com os Estados Unidos e a Europa. Com um olhar muitas vezes crítico desses homens e mulheres transnacionais, o livro consegue escapar dos estereótipos que relacionam automaticamente a África contemporânea ao atraso cultural e econômico, mas seu maior mérito está em evitar as amarras de uma história nacional – nacionalista – que a segunda geração pós-colonial não parece disposta a adotar como fator fundamental de sua escrita. Seu último livro, *Americanah* (2013), fecha a lista de textos da autora que proponho para esta pesquisa e servirá como ponto de perspectiva para um olhar retroativo sobre sua obra e para iniciar o trabalho comparativo com os dois autores precedentes, advindos de uma geração anterior.

Por fim, trago para esta pesquisa a obra de Mohsin Hamid (1971), um autor anglo-paquistanês de formação acadêmica e profissional estadunidense, com experiência na área de finanças, o que lhe trouxe grande conhecimento de um dos temas centrais desta pesquisa, mas que pertence ao universo das ciências sociais: o capital transnacional. Além disso, Hamid formou-se em escrita criativa nos Estados Unidos, onde recebeu a tutoria de Toni Morrison e Joyce Carol Oates. Seu primeiro romance, *Moth smoke* (2000, sem tradução no Brasil), situa-se no Paquistão e desenvolve-se sobre a problemática do legado imperial na consolidação da modernidade no Oriente. Em 2007 ele lançou *O fundamentalista relutante*, romance que faz parte do repertório literário que tem por pano de fundo os atentados do 11 de setembro de 2001 em Nova York. Seus dois romances seguintes seguem tratando da questão do sujeito periférico no espaço transnacional e da consolidação de novas hegemonias e contra-hegemonias. São eles *Como ficar podre de rico na Ásia emergente* (2013) e *Passagem para o Ocidente* (2017).

IV- Objetivos Geral e Específicos

1. Objetivo Geral:

- a) Investigar a existência de uma distinção geracional entre as obras dos autores apresentados no tocante à questão do nacional (Gordimer/Rushdie) e do transnacional (Gordimer/Rushdie/Adichie/Hamid) nos estudos literários pós-coloniais em fases diversas do processo de descolonização bem como da globalização e da cosmopolitização da contemporaneidade.

2. Objetivos específicos:

- a) Revisar a presença e a relevância do conceito de nação em diferentes fases da edificação do arcabouço teórico-crítico pós-colonial no espaço anglófono;
- b) Comparar e contrastar as diferentes abordagens teóricas em torno do conceito de cosmopolitismo dentro dos estudos da globalização;
- c) Mapear a produção literária dos autores e a fortuna crítica das obras elencadas na Justificativa deste projeto de pesquisa;
- d) Verificar a existência de divergências bem como convergências geracionais entre os quatro autores estudados nesta pesquisa que justifiquem a proposta da necessidade de uma guinada conceitual nos estudos pós-coloniais a partir da fase transnacional do processo de globalização e de cosmopolitização das culturas contemporâneas.

V- Metodologia

A principal questão metodológica nesta pesquisa está relacionada a seu caráter interdisciplinar e comparativo. Por essa razão, retomo a montagem do arcabouço bibliográfico para, em seguida, explicitar a metodologia e a criação da equipe de pesquisa.

Como todo campo de estudos, o pós-colonialismo é explicado, praticado e defendido por diferentes pesquisadores e artistas que nem sempre partilham entre si suas percepções sobre

o embasamento histórico e conceitual do objeto de seu interesse. Por essa razão, iniciar uma nova pesquisa que busca revisar um campo já profundamente debatido como a pós-colonialidade e o pós-colonialismo é um trabalho que requer cuidados metodológicos particulares. Outras questões teóricas mais amplas entrarão em cena no decorrer da pesquisa, mas proponho aqui uma abordagem cronológica, o que justifica situar os estudos pós-coloniais no ponto de partida para o trabalho.

Neste ponto inicial, sugiro que sejam situados os principais trabalhos que buscam mapear a história do pós-colonialismo. A alternativa mais evidente a isso seria partir da leitura direta dos textos seminais que fundaram o campo, mas esse método é menos didático do que o primeiro, que tem a vantagem de, desde o princípio, auxiliar o leitor-pesquisador, especialmente os iniciantes, a conhecerem as conexões e disjunções que marcam o diálogo entre os trabalhos fundadores.

Robert J. C. Young é até aqui o nome de maior destaque no esforço de se escrever a história do pós-colonialismo. Autor de importantes livros sobre o campo dos estudos pós-coloniais, como o conhecido *Desejo colonial* (1995), Young publicou também *Postcolonialism: an historical introduction* (2001), em que procurou articular os movimentos políticos e sociais que se organizaram sob a égide do anticolonialismo nos séculos XIX e XX e os textos e debates teóricos suscitados pelo esforço da descolonização. Após a publicação dessa obra, o autor continuou escrevendo textos sobre a teoria pós-colonial e a contemporaneidade do pós-colonial, como, por exemplo, “What is the postcolonial?”, artigo que introduziu um número especial da revista *Ariel* sobre o tema em 2009.

Outros volumes que devem figurar no núcleo da pesquisa são *The empire writes back: theory and practice in postcolonial literatures* (1989), de Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin e *The Cambridge companion to postcolonial literary studies* (2004), organizado por Neil Lazarus. Essas obras, apesar das limitações características dos trabalhos que analisam uma área de estudos num espectro geográfico muito amplo, possuem o mérito de guiar os pesquisadores pelas intrincadas articulações, nem sempre visíveis imediatamente, que fazem da teoria literária de vertente pós-colonial um estudo fortemente interdisciplinar.

A partir desse núcleo, que reúne a história do pós-colonialismo e sua tradução para o campo dos estudos literários, é possível partir, com mais segurança, para a leitura contemporânea dos textos e dos debates que mais influenciaram a formação do campo acadêmico da pós-colonialidade.

Nesse setor, há um consenso em torno do nome de Edward Said, cujo *Orientalismo* (1978) é frequentemente indicado como a obra que fundou os estudos culturais e literários pós-coloniais de língua inglesa.

Após a publicação de *Orientalismo*, Edward Said passou boa parte de seu tempo explicando melhor sua tese e defendendo-a de seus antagonistas. A efervescência gerada por esses debates foi talvez a grande responsável pela amplificação do interesse em torno das questões pós-coloniais. A principal contribuição de todas essas polêmicas para a bibliografia de Said foi a publicação de *Cultura e imperialismo* (1993), o outro best-seller do autor, no qual ele revisita o tema do orientalismo e o expande no sentido das relações ambíguas entre a empreitada colonial europeia e as inúmeras obras de arte criadas diretamente sob seu patrocínio ou como algum tipo de comentário a respeito do mundo produzido pela colonização da África e da Ásia.

Pouco antes do lançamento de *Cultura e imperialismo*, outro texto iria suscitar o mesmo nível de polêmica e animosidade que *Orientalismo*. Refiro-me a “Pode o subalterno falar?” (1988 originalmente e 2010 no Brasil em formato de livro), de autoria da intelectual indiana Gayatri Chakravorty Spivak. Assim como Said, Spivak teria que passar boa parte de seu tempo profissional explicando o real significado, e também a significância, de sua conclusão polêmica acerca da insuficiência da fala subalterna sem a revisão das estruturas internacionais de poder e do patriarcado em escala local e global. Em 2010, o debate recebeu a importante contribuição de *Reflections on the history of an idea: Can the subaltern speak*, volume que reúne os artigos apresentados numa conferência voltada exclusivamente para debater o ensaio de Spivak vinte anos após a sua primeira publicação. Além disso, em 2012 Spivak reuniu alguns de seus principais artigos na coletânea *An aesthetic education in the era of globalization*, volume extremamente valioso para os pesquisadores do pensamento da autora, especialmente aqueles que buscam ainda por respostas e efeitos de seu ensaio de 1988.

Em 1994, Homi K. Bhabha consolidou seu nome naquela que hoje é considerada a tríade fundadora dos estudos pós-coloniais por intermédio da publicação de *O local da cultura*, uma compilação de artigos escritos em sua maioria na segunda metade da década de 1980. Alguns desses artigos se tornaram referencial teórico básico dos cursos de graduação e pós-graduação em estudos culturais e literários com ênfase na produção pós-colonial. As principais contribuições de Bhabha encontram-se em seus conceitos de hibridismo e mímica colonial, por meio dos quais o autor procurou demonstrar como os interstícios do poder colonial foram ocupados por membros das populações colonizadas. A partir desse espaço intermediário, segundo Homi Bhabha, teve início o processo de descolonização ainda durante a montagem da máquina colonialista. Igualmente importante na obra de Bhabha foi sua pesquisa em torno dos efeitos da colonização e da descolonização, seguida de ondas de migração para as antigas metrópoles, sobre a atual reconfiguração do conceito de nação moderna.

Na impossibilidade de destacar a maior parte da extensa bibliografia dos estudos pós-coloniais, fiz a opção apenas por alguns títulos básicos que possam auxiliar o pesquisador a compreender as origens e os principais problemas e conceitos do campo. Nesse ponto, o intuito é orientar o mapeamento da ficção pós-colonial delineado nos objetivos deste projeto de pesquisa.

A partir de agora, passo a identificar as principais publicações necessárias para dar início a uma divisão da ficção pós-colonial em duas gerações de autores. É nesse segmento que pretendo estabelecer áreas de contato entre os estudos da literatura pós-colonial e os estudos atuais em torno das relações entre a literatura e a globalização.

As pesquisas nesse setor vão desde a interpretação dos movimentos observados no mercado editorial de obras físicas e eletrônicas, passando pelos textos de ficção que tomam a globalização e seus efeitos como tema ou como base estrutural/formal da própria escrita e culminando na maneira como a globalização pode contribuir para a efetivação da literatura mundial e adentrar o debate sobre o presente, e o futuro, das literaturas nacionais. Até o momento, as duas obras de maior destaque nessa área são *Globalization and literature* (2009), de Suman Gupta e *Literature and globalization: a reader* (2010), organizado por Liam Connell e Nicky Marsh. Antes disso, o periódico *South Atlantic Quarterly* havia publicado, em 2001, um número especialmente dedicado à análise da literatura anglófona num mundo

globalizado. De certa forma, esse número da SAQ, muito citado nos dois livros listados anteriormente, constitui uma espécie de precursor da tradução dos estudos sobre a globalização para o interior dos estudos literários. Para isso contribuiu também um número especial da PMLA sobre o tema organizado por Giles Gunn e publicado em 2001.

Mais recentemente, foram publicadas duas coletâneas que podem auxiliar profundamente a pesquisa aqui proposta. Com *Global Literary Theory*, (2013), o organizador já traz a globalização como método de compilação dos textos reunidos, uma vez que a proposta é aproximar diversos tempos e espaços produtores de teoria literária num volume que encena a horizontalidade e a espacialidade das propostas pós-modernas globais. E, em 2015, Frank Lechner e John Boli lançaram a quinta edição de uma antologia de fragmentos de textos fundamentais para a pesquisa sobre a globalização. Trata-se de *The globalization reader*.

A partir do terceiro e último eixo teórico deste projeto, definirei a metodologia e as estratégias pensadas para a pesquisa.

O conceito de cosmopolitismo vem sendo debatido há pelo menos dois milênios e, salvaguardadas as diferenças culturais e históricas, o estrato que unifica esse debate se encontra na concepção de um estar-no-mundo que não se limita às identificações e identidades, individuais e coletivas, legadas pelo pertencimento a um clã, uma tribo, uma comunidade, um estado-nação, entre outras entidades pensadas como unidades mínimas de epistemologias diversas que vão desde a teologia até a sociologia.

Inicialmente, deixo-me guiar pela exposição de Ulrich Beck e Natan Sznaider que, num artigo-introdução a um número especial da revista *The British Journal of Sociology*, trataram a problemática do “nacionalismo metodológico” (BECK; SZNAIDER, 2006, p. 2) que embasa as ciências sociais desde seus fundamentos na sociologia francesa. Segundo os autores, as ciências sociais acabaram por naturalizar o estado nacional como unidade básica de pesquisa dos fenômenos sociais. Entretanto, encontramos-nos, ainda segundo os sociólogos alemães, em pleno processo de “cosmopolitização da realidade” (BECK; SZNAIDER, 2006, p. 2, tradução do autor), o que os levou a propor uma análise da “condição cosmopolita” (BECK; SZNAIDER, 2006, p. 3, tradução do autor), na esteira da “condição humana” em Hannah Arendt e da “condição pós-moderna” em Jean-François Lyotard.

No que se refere a definições, assim como no caso da pós-modernidade e da globalização – os dois outros eixos teóricos desta pesquisa – Beck e Sznaider alertam para o fato de que “as fronteiras que separam [o cosmopolitismo] de termos rivais como globalização, transnacionalismo, universalismo, glocalização, etc. não são distintas e internamente ele é atravessado por todo tipo de tensionamento” (BECK; SZNAIDER, 2006, p.2, tradução do autor).

Na impossibilidade de uma definição – sobre a globalização, Suman Gupta (2009, p. 9-10), citando Norman Fairclough, nos lembra da dificuldade de definir algo que se constitui não apenas de um estado de coisas concreto identificado pelo termo “globalização” mas também o próprio termo –, Ulrich Beck e Natan Sznaider ocupam-se de identificar duas modalidades da condição cosmopolita, a saber, (1) o cosmopolitismo normativo-filosófico, que gira em torno da expectativa de que “velhos ideais cosmopolitas podem e devem ser traduzidos e reconfigurados dando forma a realidades sociais concretas” (BECK; SZNAIDER, 2006, p.7, tradução do autor) e (2) o cosmopolitismo empírico-analítico, cuja “peculiaridade reside no fato de que a ‘cosmopolitização’ existe na forma de efeitos colaterais não intencionais e não

observados de ações que não foram intencionalmente realizadas como cosmopolitas no sentido normativo” (BECK; SZNAIDER, 2006, p.7, tradução do autor).

A primeira vertente me parece muito próxima daquilo que Homi Bhabha descreve como “cosmopolitismo global”, o qual,

[a]o celebrar uma “cultura mundial” ou “mercados mundiais” (...) se move rápida e seletivamente de uma ilha de prosperidade para outro terreno de produtividade tecnológica, visivelmente prestando pouca atenção à desigualdade persistente e à miséria produzida por esse desenvolvimento desigual e irregular. (BHABHA, 2011, p. 178)

Já a segunda vertente analisada por Beck e Sznaiider se mostra similar ao conceito de “cosmopolitismo vernacular” de Bhabha, que “mede o progresso global a partir de uma perspectiva minoritária” (BHABHA, 2011, p. 181), ou do “cosmopolitismo do pobre”, conceito cunhado por Silvano Santiago (2004, p. 59) para pensar formas de se “resgatar (...) grupos étnicos e sociais economicamente desfavorecidos no processo assinalado de multiculturalismo a serviço do estado-nação”.

Na tentativa de reduzir o ímpeto nacional das pesquisas em ciências sociais, Ulrich Beck e Natan Sznaiider descrevem os três pontos centrais do que entendem por “cosmopolitismo metodológico”.

Em primeiro lugar, eles sugerem a montagem de projetos que enfoquem “unidades de pesquisa não nacionais” (BECK; SZNAIDER, 2006, p. 14, tradução do autor). Em seguida, eles apresentam a necessidade de “uma abordagem cosmopolita de uma hermenêutica cosmopolita” (BECK; SZNAIDER, 2006, p. 14, tradução do autor). E, em terceiro lugar, Beck e Sznaiider destacam a importância de se estudar “como o cosmopolitismo se relaciona com o universalismo, o relativismo, etc.” (BECK; SZNAIDER, 2006, p. 14, tradução do autor).

Tomando por base as três propostas metodológicas de Ulrich Beck e Natan Sznaiider, disponho-me a complementar a lista de campos de pesquisa elencados por eles no início de seu artigo e que deveriam se interessar por uma abordagem cosmopolita de seus objetos de pesquisa, a saber, “geografia, antropologia, etnologia, relações internacionais, direito internacional, filosofia política, teoria política (...), sociologia e teoria social” (BECK; SZNAIDER, 2006, p. 2, tradução do autor). Ainda que ciente do fato de que os Estudos de Literatura não se vinculam à grande área das Ciências Sociais, minha formação em Literatura Comparada e meu interesse pelos estudos literários em associação aos estudos da globalização conduziram minha pesquisa na direção das práticas universitárias interdisciplinares. Dessa forma, proponho uma apropriação metodológica do esboço de Ulrich Beck e Natan Sznaiider para os estudos de literatura.

Nosso corpus relativamente extenso de autores e obras será constantemente articulado em diferentes combinações que permitam a busca de “unidades de pesquisa não nacionais” que, pensadas a partir de combinações de obras e autores diferentes em nosso corpus literário, possam gradativamente oferecer aos pesquisadores envolvidos uma compreensão mais segura do campo delineado na Justificativa deste projeto. Trata-se talvez de uma tentativa de encontrar um termo intermediário entre o *close reading* tachado de insuficiente por Franco

Moretti (2005) e o *distant reading* de Moretti tachado de impraticável por seus críticos (GOODWIN; HOLBO, 2011). Para tanto, a equipe será montada a partir das pesquisas em nível de Graduação (Iniciação Científica) e Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) e a expectativa é a de se ter em mãos sólidos resultados parciais dentro de três anos.

Com relação à “abordagem cosmopolita de uma hermenêutica cosmopolita”, entendemos que os autores literários selecionados para esta pesquisa criam através de suas obras objetos estéticos eminentemente cosmopolitas no sentido de suas identificações e identidades transnacionais, ou seja, praticam uma hermenêutica criativo-ficcional cosmopolita. A própria análise textual das obras em questão servirá de ponto de início para a definição de uma mirada crítica cosmopolita – a abordagem cosmopolita – que esta pesquisa procura estabelecer como metodologia e prática para a futura crítica literária pós-colonial e global.

Por fim, naquilo que Ulrich Beck e Natan Sznaider articulam como a necessidade de diálogo entre outras cosmovisões relevantes para as ciências sociais, como o universalismo ou o relativismo, propomos o mesmo método comparativo em todo o texto deste projeto através da montagem de uma interface interdisciplinar entre a ficção contemporânea, a pós-colonialidade e a globalização tendo a cosmopolitização do mundo contemporâneo como método de trabalho.

VI- Referências Bibliográficas

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Purple hibiscus*. Algonquin Books: Chapel Hill, NC, 2003.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Half of a yellow sun*. Alfred A. Knopf: Nova York, 2006.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *The thing around your neck*. Alfred A. Knopf: Nova York, 2009.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Americanah*. Alfred A. Knopf: Nova York, 2013.
- ANNESLEY, James. *Fictions of globalization: consumption, the market and the contemporary novel*. Londres: Continuum, 2006.
- APPIAH, Kwame Anthony. *Cosmopolitanism: ethics in a world of strangers*. Nova York; Londres: W. W. Norton & Company, 2006.
- ARIEL: a review of international English literature. Fortieth Anniversary Issue. Thinking Through Postcoloniality. Calgary: Calgary University Press, v. 40, n. 1, jan. 2009.
- ARIEL: a review of international English literature. The cosmopolitan novel. Calgary: Calgary University Press, v. 42, n. 1, jan. 2011.
- ASHCROFT, Bill.; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen (Ed.). *The postcolonial studies reader*. Londres/Nova York: Routledge, 1995.
- ASHCROFT, Bill.; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. *The empire writes back: theory and practice in postcolonial literatures*. 2ª ed. Londres; Nova York: Routledge, 2002.
- BECK, Ulrich. *The cosmopolitan vision*. Trad. Ciaran Cronin. Cambridge: Polity, 2006.
- BECK, Ulrich; SZNAIDER, Natan. Unpacking cosmopolitanism for the social sciences: a research agenda. *The British Journal of Sociology*, v. 57, n. 1, 2006, p. 1-23.

- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. (Humanitas)
- BHABHA, Homi. *The location of culture*. Londres/Nova York: Routledge, 2008. (Routledge Classics)
- BHABHA, Homi. *O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses: textos seletos*. Org. Eduardo Coutinho. Trad. Teresa Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- CONNELL, Liam; MARSH, Nicky. *Literature and globalization: a reader*. Nova York: Routledge, 2010.
- GANDHI, Leela. *Postcolonial theory: a critical introduction*. Allen&Unwin: Corws Nest, Australia, 1998.
- GOODWIN, Jonathan; HOLBO, John. *Reading Graphs, Maps, Trees: critical responses to Franco Moretti*. Parlor Press: Anderson, SC, 2011.
- GORDIMER, Nadine. *None to accompany me*. Nova York: Penguin Books, 1995.
- GORDIMER, Nadine. *The house gun*. Nova York: Penguin Books, 1999.
- GORDIMER, Nadine. *The pickup*. Nova York: Farrar, Straus & Giroux, 2001.
- GORDIMER, Nadine. *Loot and other stories*. Londres: Bloomsbury, 2003.
- GORDIMER, Nadine. *Get a life*. Nova York: Farrar, Straus and Giroux: 2005.
- GORDIMER, Nadine. *Beethoven was one-sixteenth black and other stories*. Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 2007.
- GORDIMER, Nadine. *No time like the present*. Londres: Bloomsbury, 2012.
- GUNN, Giles (Ed.). PMLA. Special topic: globalizing literary studies. Nova York: Modern Language Association, v. 116, n. 1, 2001.
- GUPTA, Suman. *Globalization and literature*. Malden: Polity Press, 2009.
- HAMID, Mohsin. *Moth smoke*. Granta (UK); Farrar Straus & Giroux (US): Londres; Nova York, 2000.
- HAMID, Mohsin. *The reluctant fundamentalist*. Random House: Londres, 2007.
- HAMID, Mohsin. *How to get filthy rich in rising Asia*. Riverhead Books: Nova York, 2013.
- HAMID, Mohsin. *Exit West*. Riverhead Books: Nova York, 2017.
- HUTCHEON, Linda. *The politics of postmodernism*. 2ª ed. Londres/Nova York: Routledge, 2002.
- INNES, C. L. *The Cambridge introduction to postcolonial literatures in English*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- JAMESON, Fredric. Third-world literature in the era of multinational capital. *Social Text*, out. 1986, p. 65-88.
- JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Trad. Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Editora Ática, 1996.

- KRISHNA, Sankaran. *Globalization and postcolonialism: hegemony and resistance in the twenty-first century*. Lanham, Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, 2008.
- LANE, Richard J. (Org.). *Global Literary Theory: an anthology*. Routledge: Nova York, 2013.
- LAZARUS, Neil (Ed.). *The Cambridge companion to postcolonial literary studies*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- LECHNER, Frank J.; BOLI, John (Org.). *The globalization reader*. 5a. ed. Wiley Blackwell: Malden, Ma.: 2015.
- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2010.
- MORRIS, Rosalind C. (Org.). *Reflections on the history of an idea: Can the subaltern speak?* Columbia University Press: Nova York, 2010.
- MONGIA, Padmini. *Contemporary postcolonial theory: a reader*. Londres: Arnold, 1997.
- MORETTI, Franco. *A literatura vista de longe*. Trad. Anselmo Pessoa Neto. Arquipélago: Porto Alegre, 2008.
- MOSES, Michael Valdez. *The novel and the globalization of culture*. Nova York: Oxford University Press, 1995.
- O'BRIEN, Susie; SZEMAN, Imre (Ed.). *South Atlantic Quarterly*. Anglophone Literatures and Global Culture. Durham: Duke university Press, v. 100, n. 3, verão de 2001.
- ROBERTSON, Roland. *Globalization: social theory and global culture*. Londres: Sage, 1992.
- RUSHDIE, Salman. *Midnight's children*. Random House: Londres, 1981.
- RUSHDIE, Salman. *The Satanic Verses*. Random House: Londres, 1988.
- RUSHDIE, Salman. *The Moor's last sigh*. Random House: Londres, 1995.
- RUSHDIE, Salman. *The ground beneath her feet*. Random House: Londres, 1999.
- RUSHDIE, Salman. *Fury*. Random House: Londres, 2001.
- RUSHDIE, Salman. *Shalimar the clown*. Random House: Londres, 2005.
- RUSHDIE, Salman. *The enchantress of Florence*. Random House: Londres, 2008.
- RUSHDIE, Salman. *Two years eight months and twenty-eight nights*. Random House: Londres, 2015.
- SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.
- SANTIAGO, Silvano. *O cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- SAUSSY, Haun (Ed.). *Comparative Literature in an age of globalization*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2006.
- SPIVAK, Gayatri C. *A critique of postcolonial reason: toward a history of the vanishing present*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1999.

SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina G. Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SPIVAK, Gayatri C. *An aesthetic education in the era of globalization*. Cambridge: Harvard University Press, 2012.

WATSON, Jini Kim et al. (Org.) *The postcolonial contemporary: political imaginaries for the global present*. Nova York: Fordham University Press, 2018.

YOUNG, Robert J. C. *Colonial desire: hybridity in theory, culture and race*. Londres/Nova York: Routledge, 1995.

YOUNG, Robert J. C. *Postcolonialism: an historical introduction*. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2001.

YOUNG, Robert J. C. *Postcolonialism: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2003.